

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

MARIA JULIANA RAVÁLIA MIRANDA

**PORTUGUÊS PARA TODES?**

UM DIÁLOGO ENTRE A ANÁLISE  
DE DISCURSO CRÍTICA E A SOCIOLINGUÍSTICA SOBRE  
LINGUAGEM NÃO BINÁRIA

BRASÍLIA

**2020**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS**

**MARIA JULIANA RAVÁLIA MIRANDA**

**PORTUGUÊS PARA TODES? UM DIÁLOGO ENTRE A ANÁLISE  
DE DISCURSO CRÍTICA E A SOCIOLINGUÍSTICA SOBRE  
LINGUAGEM NÃO BINÁRIA**

Uma análise de como as relações de poder e  
dominação estão refletidas no português brasileiro  
e do uso da variação não binária a fim de não se  
perpetuar a linguagem sexista.

**BRASÍLIA**

**2020**

## SUMÁRIO

1. <b>INTRODUÇÃO</b> .....	4
2. <b>PERCURSO TEÓRICO</b> .....	7
3. <b>PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	10
4. <b>ANÁLISE</b> .....	14
5. <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	25
6. <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	28
7. <b>APÊNDICE</b> .....	31

## 1. INTRODUÇÃO

A língua tem várias funções dentro da sociedade, sendo a central a de comunicar a posição que aquele indivíduo ocupa ou acha que ocupa dentro dela (GNERRE, 1998). Conforme Fairclough (2001), é preciso considerar o poder em sua dialética: não apenas como local de poder, mas também como afirmação de poder. As pessoas falam para ser respeitadas e exercer influência no ambiente em que realizam seus atos linguísticos, de modo que o poder da língua, se faz reflexo do poder e da autoridade que elas têm na sociedade em que vivem. (GNERRE, 1998) A partir desse entendimento, a face oposta do poder do discurso também se torna perceptível: trata-se da estigmatização das variedades linguísticas fora da norma-padrão e, por conseguinte, das pessoas que as utilizam. A discriminação exposta na língua e com base nela é, ainda, perceptível, mas mitigável; conseqüentemente, os atos de falar e de se expressar são políticos e, em algumas instâncias, revolucionários.

A língua é uma forma sutil de se perpetuar discriminações, uma vez que ela é reflexo dos pensamentos e dos valores da sociedade que a cria e a utiliza. A linguagem é uma construção histórica e social, que varia de acordo com cada cultura e é aprendida e ensinada conforme a maneira de pensar e perceber a realidade da sociedade que a rodeia. Partindo do pressuposto de que a língua não só é viva como é ferramenta social, é possível modificar o pensamento das pessoas por meio da linguagem, pois ela cria consciência, cultura e ideologia. A mudança na forma de falar e escrever pode mudar a sociedade, por mudar, primordialmente, a mentalidade e a conduta das pessoas que nela vivem. (GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2014)

A linguagem aqui chamada de Linguagem Neutra ou Não-Binária (LN-B) é uma adaptação do Português Brasileiro de caráter político-social. A “LN-B” se originou no movimento feminista e no ativismo trans e, dela, destaca-se o protagonismo de pessoas transgênero e/ou não-binárias em sua formação e utilização. Essa linguagem busca tanto a diminuição do machismo no discurso quanto o reconhecimento de pessoas não-binárias, as quais não se identificam com a binaridade de gênero homem e mulher. (MOKWA, 2019)

A gramática sistematizada da língua portuguesa não prevê, via de regra, a opção de uma marcação de gênero neutro em seus artigos, substantivos, adjetivos e pronomes, apresenta apenas a dual opção de feminino ou masculino. Entretanto, há substantivos e adjetivos que são de gênero uniforme, ou seja, não sofrem flexão independentemente do gênero a que se referem. A preferência

pela utilização desses termos em detrimento do uso do “masculino genérico” é uma das alternativas propostas pela Linguagem Não-Binária.

Além disso, falantes que seguem a linguagem neutra evitam presumir os pronomes de indivíduos desconhecidos ou cujo gênero não é identificável, a partir da reformulação de sentenças de forma que estas não tenham expressos pronomes e/ou adjetivos marcadores de gênero ou por meio do uso de novos pronomes que não estejam relacionados a masculino ou feminino. Outra característica marcante da LN-B é a não utilização do gênero masculino como generalizador, de modo a cair o "masculino genérico", promovendo uma maior igualdade entre os gêneros. (SANT'ANNA, 2016a)

A busca por uma linguagem neutra é um fenômeno de natureza social, mas que também reflete concepções particulares das pessoas que as utilizam e tem grande impacto no meio em que elas estão inseridas. O discurso é um momento de práticas sociais, mas, além disso, é também um momento de representação: agimos discursivamente e representamos discursivamente o mundo social à nossa volta. (MAGALHÃES, 2005)

Segundo Fairclough (2003), a linguagem é parte irredutível da vida social e está dialeticamente interconectada a outros elementos sociais. Dessa forma, a existência dessa variação significa que há mudanças no campo extralinguístico da comunidade de fala, e é almejado e expectável que a língua reflita e efetive essas mudanças, uma vez que o vínculo língua-sociedade é indissociável. Conforme Resende e Ramalho (2006) “esse vínculo se justifica pela percepção da linguagem como uma forma de ação social que, por um lado, constitui a sociedade e, por outro, é constituída por ela”.

O presente trabalho pretende, em um diálogo teórico entre Análise de Discurso e Sociolinguística e a partir de uma pesquisa de natureza sociolinguística de percepção e produção acerca da Linguagem Neutra, analisar como o exercício de poder existente nas relações sociais, no que tange ao gênero, está refletido na linguagem. Além disso, essa pesquisa busca mostrar como a percepção de falantes a respeito da "linguagem neutra", seja ela positiva ou negativa, pode contribuir para a transformação das marcas discursivas de relações de poder, com apoio na gramática da língua, e orientar os futuros desdobramentos da linguagem não-binária.

É pretendido, também, fazer uma reflexão sobre como as pessoas que utilizam a LN-B se mostram, os ambientes em que ela ocorre, em quais aspectos da língua esse fenômeno apresenta seus traços e relacionar alternativas existentes para não se perpetuar o uso de uma linguagem

sexista. A relação dialética entre linguagem e sociedade permite que, ao passo que o discurso exponha estruturas de poder e dominação nas relações sociais, a própria língua traga possibilidades para práticas emancipatórias contra estruturas cristalizadas na vida social. (RESENDE, 2006).

Justifica-se o trabalho, portanto, por seu próprio objeto de pesquisa, conquanto este se caracteriza como extremamente político e social. É a partir da ideia de que as academias nacionais de letras ou da língua são intermediárias entre o poder e o conjunto de ideologias associados à língua, podendo interferir na seleção do léxico "aceitável" da língua e da gramática "oficial" (GNERRE, 1998), que este trabalho se constrói.

A partir da consideração da Linguagem Neutra como uma variação linguística, pretende-se entendê-la melhor como objeto linguístico, social e político. É essencial e imperativo não só o reconhecimento da existência de pessoas não-binárias, mas também sua inclusão no nosso sistema de linguagem, pra que seja reiterada a igualdade entre todos os gêneros também na gramática de nosso idioma. É necessário que toda diferença sociocultural seja respeitada e que qualquer falante se sinta parte da língua, pois ela, mais do que uma ferramenta de inclusão ou segregação social, é um componente imprescindível da consolidação da cidadania e do convívio democrático. (LABOV, in: BAGNO, 2008)

## 2. PERCURSO TEÓRICO

A partir do surgimento da linguística e, posteriormente, da sociolinguística e das abordagens discursivas, o estudo da conexão e influência mútuas entre a sociedade e a língua se intensificou. Diante disso, rompeu-se com a ideia de uma comunidade linguisticamente homogênea e com falantes-ouvintes de competência linguística ideal. Essa concepção utópica foi substituída pela compreensão de língua como heterogênea, diversificada e passível de mudanças, especialmente em seu uso oral, objeto de estudo da sociolinguística e da análise de discurso crítica.

Dessa forma, a vertente variacionista da sociolinguística surge como consequência e complementação aos estudos linguísticos anteriores – gerativismo e estruturalismo – principalmente no que tange ao caráter social da linguística; uma vez que tais estudos não levavam em consideração em suas análises as variações ocorridas no uso oral da língua. (CEZARIO e VOTRE, 2006). Passou-se, então, a estudar a língua falada em situações reais, quer seja seguindo os pressupostos gramaticais da norma-padrão, quer em sintonia com outras vertentes teóricas. A sociolinguística concebe que a língua não apenas não é homogênea, mas também varia de acordo com a região em que é falada, com o gênero, idade e posição social da pessoa que a utiliza e de acordo, até mesmo, da situação em que é usada.

Em claro diálogo com essa perspectiva sociolinguística, ao teorizar sobre o vínculo entre a linguagem e a sociedade e estudar a representação das relações sociais presente no discurso, a Análise de Discurso Crítica (ADC) se encontra na mediação entre a linguística e a ciência social crítica. Chouliaraki e Fairclough (1999) reiteram que a ADC é composta por “uma variedade de teorias ao diálogo, especialmente teorias sociais, por um lado, e teorias linguísticas, por outro, de forma que a teoria da ADC é uma síntese mutante de outras teorias”, ressaltando seu caráter notoriamente transdisciplinar.

A Análise do Discurso Crítica não apenas segue esse direcionamento de não desassociar a linguagem e o discurso do meio social em que eles acontecem, como vai além e se desenvolve como estudo da *linguagem como prática social* (MAGALHÃES, 2005). Resende e Ramalho brilhantemente minuciam que uma prática social é

por um lado, uma maneira relativamente permanente de agir na sociedade, determinada por sua posição dentro da rede de práticas estruturada; e, por outro, um domínio de ação social e interação que reproduz estruturas, podendo transformá-las (2006, p.195).

Resende e Ramalho (2006) também sustentam que o discurso é construído socialmente da mesma forma que constrói as relações e identidades sociais coletivas e que, assim sendo, é possível reconhecer as interações sociais hodiernas no texto. Uma vez que a linguagem absorve e reflete o

que acontece em outros momentos de práticas sociais, é possível enxergar e analisar, no discurso predominante e prestigioso, as ideologias e estruturas de dominação presentes naquela rede de práticas.

Em consonância com Gnerre (1998), que afirma que falar é uma forma de exercer poder, Fairclough (2012) diz que o discurso serve para suporte e manutenção de relações de dominação e poder. Resende e Ramalho (2006) explicam que a ADC busca, por meio da investigação da relação entre discurso e sociedade, desfavorecer e desarticular essas estruturas repressoras. A Análise do Discurso Crítica propõe um debate teórico e metodológico que descreve, interpreta e explica o texto dentro de seu contexto sócio-histórico levando em consideração as relações de poder que agem sobre ele. (MAGALHÃES, 2005).

A partir de uma análise crítica que leva em consideração a relação dialética, inerente e indissociável entre a língua, o texto e as estruturas sociais que os englobam, o discurso faz-se ferramenta potente e significativa não só para o estudo de mudanças sociais contemporâneas, mas também para contestação e transformação das práticas julgadas problemáticas (RESENDE, 2006).

Conforme Chouliaraki e Fairclough,

Há uma necessidade urgente de teorização e de análise crítica da modernidade posterior que possam não apenas iluminar o novo mundo que está emergindo, mas também indicar as direções alternativas não realizadas existentes. (1999, ver p.)

Uma análise que provê “base científica para um questionamento crítico da vida social em termos políticos e morais, ou seja, em termos de justiça social e poder” reforça a potencialidade de transformação social do discurso. (Fairclough *apud* Resende e Ramalho, 2006) Por ter, segundo Magalhães, “preocupação explícita com o exercício de poder nas relações sociais”, a ADC vislumbra o discurso como instrumento fundamental para práticas emancipatórias que combatam relações desiguais, nocivas e, geralmente, consolidadas da rede de práticas (Fairclough, 1999).

Rodrigues (2016) defende que as mudanças que o discurso sofre são uma necessidade da língua de se adaptar e se atualizar em relação à sua comunidade de fala, pois é a forma pela qual as novas gerações de falantes expressam suas percepções individuais, suas vontades, necessidades e desejos. Fairclough acrescenta que cada indivíduo faz escolhas sobre a estrutura e o modelo de seu discurso e que essas escolhas dizem respeito, também, ao significado que aquele léxico ou construção traz consigo. Essas escolhas contribuem para a manutenção, subversão ou construção de identidades coletivas, relações sociais e estruturas de dominação. (1992)



Fairclough defende que a ADC foi projetada para focar em problemas sociais e, por esse motivo, estará sempre envolvida em controvérsias e debates, sejam de cunho social ou linguístico. Desse modo, a ADC constitui como objetos de pesquisa e análise tanto questões que detecta serem problemas sociais como suas respectivas conjunturas.

O vínculo intrínseco entre a língua e a sociedade prevê que mudanças em uma esfera gerem mudanças equivalentes na outra. Assim sendo, as escolhas e mudanças ocorridas no discurso refletem as escolhas e mudanças que aquela comunidade de fala vê em si e deseja àquela sociedade.

Se, para Alckmin (2004), a língua é a intérprete da sociedade; para Rubião, a linguagem é a intérprete da pessoa. Rubião reforça a ideia de Fairclough ao defender que “A linguagem é importante para refletir e reafirmar o gênero da pessoa, por isso a importância de ser respeitada.” (2018b) Tendo em vista que a Gramática da Língua Portuguesa não desenvolveu ao longo da sua história um gênero gramatical neutro, a neolinguagem não-binária, uma das alternativas trazidas pela LN-B, surge para suprir essa necessidade e apresentar e difundir uma forma mais inclusiva de se expressar para e sobre pessoas não-binárias. (RUBIÃO, 2018b)

A variação de linguagem não-binária prescreve que, além de masculino e feminino, haja uma terceira opção para se flexionar as palavras quanto ao gênero social – ou ausência dele – de quem elas se referem. Essa terceira possibilidade é chamada de gênero neutro e utiliza novos pronomes, chamados de neopronomes, como *elu*, *delu*, *éli*, *déli*, entre outros. Por se tratar de um fenômeno contemporâneo, ele ainda está em constante evolução e não há consenso sobre quais formas devem ser utilizadas ou se deve haver apenas uma opção. Há, atualmente, diversas possibilidades de pronomes.

Essa forma neutra, assim como os gêneros feminino e masculino, altera, basicamente, os artigos, os pronomes e o final dos substantivos e adjetivos, geralmente no final das palavras. (RUBIÃO, 2018b) Logo, de acordo com a gramática normativa, ao se referir ao gênero masculino usa-se o artigo *o*, os pronomes *ele* e *dele* e o final de palavra *-o*. Essa variação é chamada de conjunto de linguagem e é sintetizada na forma artigo/pronome/final de palavra, como em *o/ele/o*. (SANT’ANNA, 2016b) Para elucidar o conceito de conjuntos de linguagens, existem quadros com os gêneros feminino, masculino, forma neutra e suas respectivas variações, presentes no Apêndice.

Lins, Machado e Escoura (2016), a respeito da linguagem neutra, incrementam que

A luta de movimentos sociais que demandam reconhecimento e de sujeitos que se sentem invisibilizados é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Consideramos que toda a comunidade deve estar atenta para a forma como as pessoas desejam ser interpeladas, chamadas, isto é, como devemos nos referir a elas. (2016, p.13)

### 3. PERCURSO METODOLÓGICO

A Análise do Discurso Crítica (ADC) é um modelo teórico e metodológico de análise de práticas sociais que revelam a conexão entre as relações de dominância existentes na sociedade e o discurso e léxico selecionados por falantes ou por grupos sociais. Por meio de análises linguísticas e sociais, a ADC busca, na linguagem, formas de desarticular as estruturas de poder e romper as crenças construídas socialmente que sustentem e amparem essas estruturas. (RESENDE E RAMALHO, 2006) Conforme dito anteriormente, Fairclough acredita que pesquisar questões que são consideradas problemas sociais envolverá lidar com controvérsias e contestações, e pesquisar o uso da linguagem neutra não foge dessa assertiva.

Faraco (2005) afirma que nem sempre a comunidade de fala está ciente de que sua língua está mudando. Isso se dá pelo fato de as mudanças linguísticas acontecerem gradualmente e de forma desigual dentro da própria comunidade de fala e do espaço geográfico em que ela está inserida. Além disso, persiste no imaginário popular a ideia de que a língua constitui uma realidade estática e que está mais próxima do conceito de permanência do que de mudança.

Essa imagem ilusória de uma língua homogênea, completa e inflexível é ocasionada principalmente pela utilização da gramática normativa no ensino da língua portuguesa, uma vez que ela prescreve o uso de uma norma dita culta. Entretanto, a norma tida como padrão não é a utilizada oralmente nem popularmente, dado que, devido ao seu caráter conservador, ela não admite mudanças e se encontra estagnada no tempo (BAGNO, 2007).

Comumente as variações linguísticas, quando percebidas, não são bem recepcionadas pela comunidade de fala – como é o caso do discurso que utiliza a linguagem não-binária – pois a população falante, a princípio, considera que as mudanças são erros e, as variações, impróprias ou feias. A crença de que variações corrompem e degradam o discurso remete ao preciosismo com a norma-padrão e com a ideia de que a língua está pronta e encerrada (FARACO, 2005). A resistência e estranhamento da comunidade de fala é ainda maior quando as alterações linguísticas dizem respeito a uma prática emancipatória que visa mudanças sociais em estruturas já consolidadas na sociedade. (CHOULIARAKI E FAIRCLOUGH, 1999)

Fairclough, em 1989, sugere que a Análise do Discurso Crítica seja dividida em três categorias, para que sejam investigadas, individualmente, as três dimensões do discurso: o texto, a prática discursiva e a prática social. Essa proposta é chamada de Modelo Tridimensional e fundamenta o desenho metodológico da pesquisa em ADC.

A análise do texto diz respeito ao vocabulário utilizado no discurso. São observadas as escolhas lexicais, as relações gramaticais utilizadas, a coesão textual e não só a ordem dos

elementos nas sentenças, mas também a organização do discurso como um todo. A categoria da prática discursiva concerne aos processos sociais variáveis de acordo com os fatores sociais que transpõem o nível textual, como a produção, distribuição e consumo do texto. Além disso, essas práticas englobam a intertextualidade e a coerência da instância discursiva, pois essa é a categoria que entremeia o texto e a prática social. Já a análise das práticas sociais refere-se aos aspectos ideológicos e à hegemonia do discurso. Essa seção focaliza como o texto se insere nas orientações políticas, econômicas, culturais e de gênero. É aqui analisado como as identidades sociais e relações sociais, historicamente situadas, interferem e irrompem no discurso. As três categorias deste modelo metodológico podem ser visualizadas conforme o quadro abaixo, formulado por Fairclough em 1992:

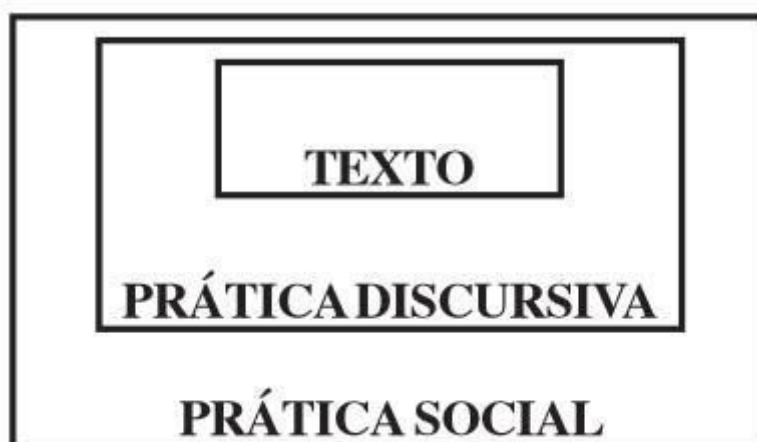


Figura 1 - Concepção tridimensional do discurso em Fairclough (1992, p.101)

O presente trabalho é de caráter interdisciplinar e se encontra na intersecção entre a análise do discurso crítica e a pesquisa sociolinguística variacionista. Por se tratar de uma pesquisa social crítica de natureza bibliográfica e de campo, este trabalho terá também como base os preceitos metodológicos desenvolvidos por Labov em seu modelo de análise linguística, em confluência com os propostos por Fairclough em seu modelo tridimensional de análise. À vista disso, foram estudados com afincos os conceitos teórico-metodológicos da sociolinguística e da análise do discurso crítica e foi levantada uma revisão da literatura existente acerca dessas vertentes. Paralelamente a essa revisão bibliográfica, um questionário foi elaborado e aplicado para levantar o uso e a percepção das pessoas a respeito da linguagem neutra em seu cotidiano.

No que tange à feição sociolinguística da pesquisa ambientada na linguagem neutra e não-binária, a investigação foi estruturada de forma que se propõe a 1) levantar dados de uso e

percepção da LN-B; 2) apurar e relacionar as variáveis usadas para neutralização da língua; 3) investigar e levantar os fatores linguísticos e não linguísticos que suscitam e/ou impulsionam o uso dessas variáveis e da LN-B em si; 4) analisar a participação e encaixe das ocorrências e da proposta de linguagem neutra na comunidade em seu sistema sociolinguístico e 5) pesquisar a projeção histórica do uso do LN-B e suas propriedades e potencialidades na contemporaneidade.

Para objetivar a pesquisa – embora se trate de um trabalho de caráter qualitativo –, um questionário anônimo foi elaborado e aplicado a fim de facilitar a obtenção de dados acerca da variação estudada e mensurá-los. Ele é composto de perguntas objetivas e discursivas, e indaga informações pessoais, como gênero, idade e profissão, para coletar informações de utilização, opinião e percepção da comunidade a respeito da linguagem neutra no português. O questionário foi realizado por meio de um formulário online e divulgado em redes sociais e reuniu respostas de 110 pessoas de 11 estados do país.

O modelo aplicado foi subdividido em quatro etapas. Na primeira, foram preenchidos dados pessoais e perguntado se a pessoa tem o costume de utilizar a forma linguagem neutra, conforme sua resposta, era direcionada à etapa seguinte. Caso fosse respondido que se usa LN-B, era perguntado à pessoa os ambientes e situações em que ela a utiliza. Caso fosse respondido que não se usa a LN-B, era perguntado o motivo. Após essa etapa e independentemente das respostas dadas, a última seção questionava a respeito das opiniões sobre essa forma de linguagem. Cada etapa do questionário continha as perguntas a seguir:

#### PRIMEIRA ETAPA – Dados pessoais

1. Faixa etária
2. Cidade, Estado
3. Você se identifica com algum gênero? Se sim, qual/quais?
4. Você é trans, cis ou outra opção?
5. Orientação sexual/romântica
6. Você tem redes sociais? Quais?
7. Qual/Quais pronomes você utiliza para si?
8. Utiliza linguagem neutra?

#### SEGUNDA ETAPA (1 de 2) - A utilização da Linguagem Neutra

1. Em quais ambientes você utiliza a linguagem neutra?
2. Quais situações te levam à utilização da linguagem neutra?

3. Quais outras situações que não as descritas te levam à utilização da linguagem?

#### SEGUNDA ETAPA (2 de 2) - A não-utilização da Linguagem Neutra

1. Por que você não utiliza a linguagem neutra?

#### TERCEIRA ETAPA – Opinião

1. Você acha que o uso da linguagem neutra é político?
2. Se houver, qual a importância do uso da linguagem neutra para você? Caso não tenha, responder “Não há”.
3. Quanto ao seu uso da linguagem neutra:

Depois de reunidos os dados de opinião e uso da LN-B provenientes do questionário, que se encontram integralmente no Apêndice deste trabalho, eles foram comparados entre si, para que pudessem ser apreendidas as dissemelhanças entre as unidades da federação, faixas etárias, gêneros, dentre outras esferas sociais. Em seguida, as respostas relacionadas a percepção e produção foram contrastadas não só com os estudos que fizemos, mas também com as opiniões fornecidas nos próprios testes. Por fim, os resultados foram analisados em seu contexto social e histórico para que fosse possível refletir a respeito das possíveis consequências e efeitos que a sociedade tem nesse discurso. Nesta etapa das análises, a ADC, por seu caráter discursivo e social, estabelece um diálogo com a sociolinguística.

#### 4. ANÁLISE

De acordo com o modelo de análise tridimensional, proposto pela ADC, uma primeira dimensão a considerar são as práticas sociais. Nesse sentido, cabe examinar em que contexto social é usada linguagem não-binária. O sistema patriarcal da sociedade brasileira abre portas para outros sistemas opressivos, os quais são presentes e constantes, mesmo que, muitas vezes, de forma silenciosa. Entre eles, está a cisnormatividade, sistema de opressão que invisibiliza modalidades e identidades de gênero que diferem do padrão imposto (mulher e homem). São chamadas de cisgênero as pessoas que se reconhecem no sexo com o qual nasceram, e de transgênero aquelas que não se identificam com ele. Cisnormatividade é a crença na existência da binaridade de gênero (mulher cisgênero e homem cisgênero), o qual é determinado biologicamente pela genitália; e de que qualquer pessoa que diz ser de outro gênero que não o que corresponde aos seus órgãos genitais está mentindo, tem apenas um fetiche ou doença mental, de forma que não deve ser encorajada a pensar que isso é verdade. (SANT'ANNA, 2016c)

A cisnormatividade cria estereótipos de gênero prejudiciais não somente para pessoas não-binárias, mas para toda a sociedade. Esses estereótipos, pautados no sexo de nascimento, são podadores de identidades, limitantes de personalidades e criadores de privilégios e de minorias sociais. O binarismo apaga a existência de indivíduos fora de seus padrões de aceitabilidade por meio de estranhamento, de ridicularização, de rejeição, de piadas com a linguagem neutra e com quem a usa e até mesmo de violência. No Brasil, isso significa dizer que o homem cisgênero tem mais privilégios do que uma pessoa transgênera ou não-binária, mas que ele deve seguir uma conduta específica à qual é submetido para manter seu prestígio social.

O português brasileiro, por ser o reflexo da sociedade brasileira, reforça esse sistema opressor a partir de seu vocabulário e de sua gramática normativa. O uso de termos misóginos, transfóbicos, homofóbicos, racistas e psicofóbicos – como, respectivamente, “puta”, “traveco”, “bicha”, “neguinho” e “retardado” – são reiterações discursivas das opressões apontadas. Conjuntamente ao vocabulário opressor, a gramática normativa é, em si, binarista, uma vez que, como dito anteriormente, não contém opções de neutralidade de gênero para todas as palavras que se referem a pessoas.

Além de invalidar a existência de pessoas não-binárias que não se sentem representadas por qualquer dos gêneros gramaticais existentes (masculino/feminino), o sistema de flexão de gênero do português brasileiro reitera o machismo da língua. Não haver o gênero neutro – como havia no

latim e como há em outros idiomas – e a constante e redundante marcação de gênero nas palavras acabaram por eleger o gênero masculino como o generalizador, criando-se o chamado masculino genérico.

Dessa forma, é possível dizer que existe, no português brasileiro, um apagamento tanto de pessoas não-binárias quanto de mulheres binárias em discursos gerais, respaldado pela ideia de Mattoso Câmara Jr. de que todo nome masculino – que admite flexão de gênero– seria um nome sem marcação de gênero. Portanto, a ideia do gênero masculino como geral e neutro é academicista, tendo em vista que, no ensino formal básico, ele é tratado como uma flexão ou uma derivação – a depender do autor –, assim como o feminino. Em conjunção, as gramáticas estudadas também não trazem o conceito do masculino genérico, não afirmando, em nenhum momento, que, quando referido a um grupo misto de pessoas ou animais, o nome deve vir no masculino, sendo isso, então, apenas uma convenção que se passa por ensinamento básico.

Todos os fatores aqui abordados demonstram que há demanda por uma linguagem mais inclusiva, a qual abarque todas as diferentes existências e vivências da sociedade brasileira contemporânea. Surge, portanto, a partir dessa demanda, a linguagem não-binária.

A despeito do que prescreve a gramática normativa, são a comunidade de fala e seus indivíduos que fazem a língua e o uso de novas variedades, de modo a atualizarem, modificarem e reestruturarem seu sistema. Podemos perceber, dessa forma, a Linguagem Não-Binária como “símbolo máximo de pensares e fazeres” (RODRIGUES, 2016, p. 209) da comunidade não-binária. A variedade em questão é, portanto, o espelho de uma busca por representatividade, autoafirmação e igualdade entre todo e qualquer gênero.

Diante do que foi abordado, tem-se que o fenômeno da neolinguagem – linguagem não-binária – surge para suprir a falta da possibilidade de um falar e escrever neutro na gramática normativa. Ela aparece em estratos específicos da sociedade brasileira contemporânea, apresentando-se, principalmente, na escrita. Entretanto, é possível observar o uso dessa variação linguística também na fala. É importante ressaltar que os dados aqui apresentados não conseguem representar toda a população brasileira, mas dão base para uma análise crítica sobre o assunto.

Quanto à utilização da variação linguística estudada, postagens na rede social Twitter, falas de pessoas entrevistadas, o banheiro de um restaurante e a embalagem de um produto vendido em supermercados trazem exemplos de seu uso real.



É uma coisa muito incômoda eu ter certos tabus com coisas tipo sexo. Eu só consigo falar sobre isso tranquilamente com amigos próximos, e olhe lá. E eu sei que isso não deveria ser tabu, mas eu sempre tive isso como algo errado/vergonhoso. E isso é uma merda.

11:57 PM - 6 de nov de 2019 - Twitter for Android

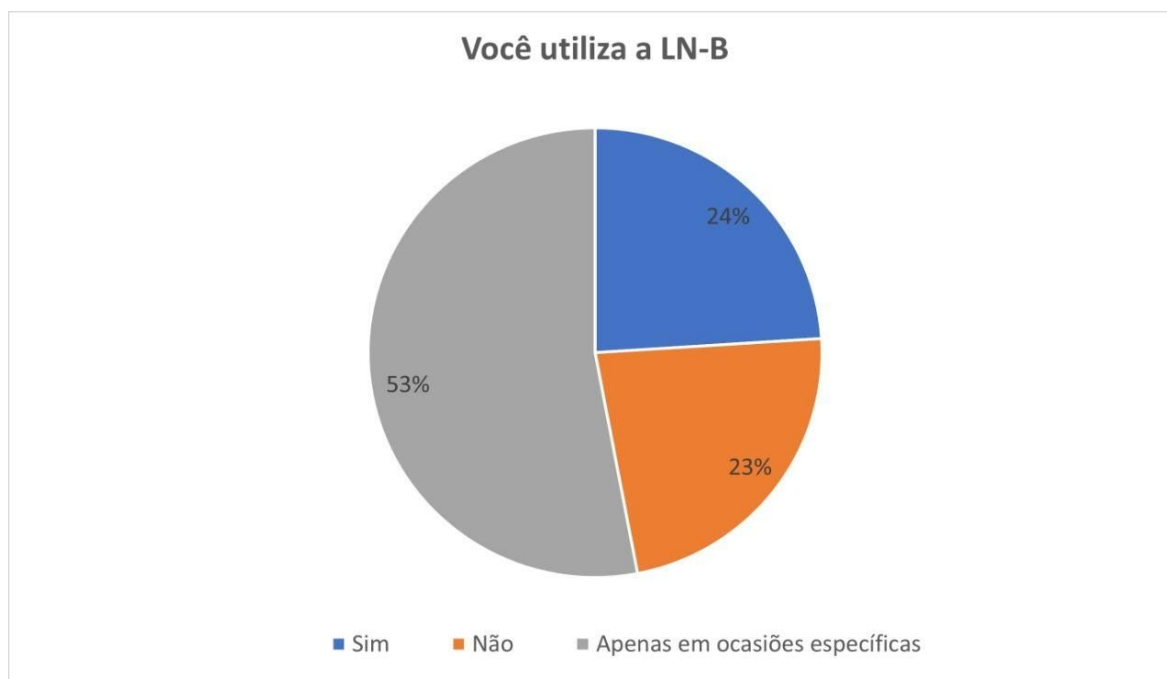
Essa chuva me impossibilitou de sair de casa hj, logo impossibilitou q vcs vissem como estou incrivelmente linda hj.

8:38 AM - 7 de nov de 2019 - Twitter for Android

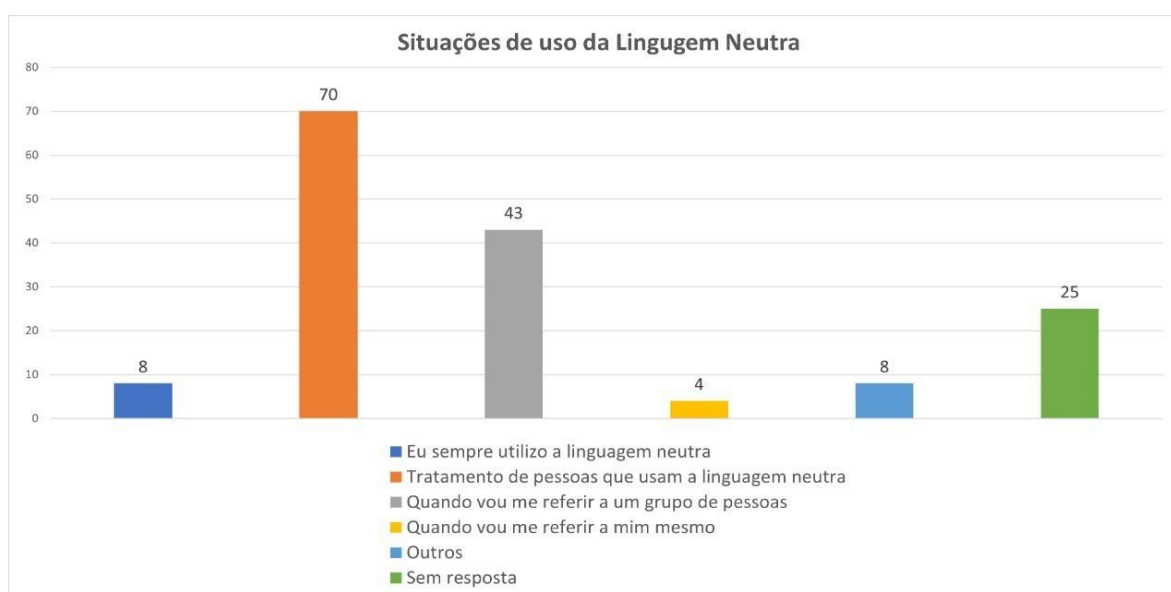




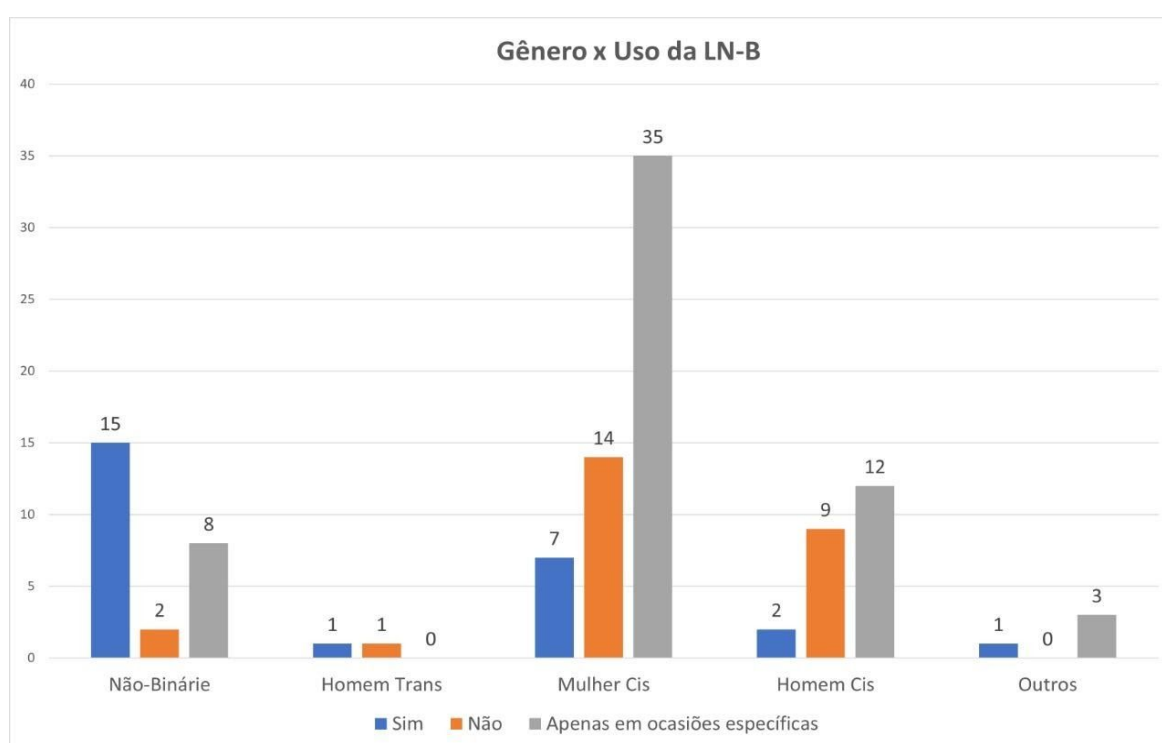
Com base no questionário, que também pode ser visto em sua íntegra no Apêndice, respondido por 110 pessoas ao total, é possível observar que a maior parte daquelas que utilizam linguagem não-binária o fazem em situações específicas, como se pode notar no Gráfico 1:



Inferre-se, portanto, que existem motivações específicas para o uso da LN-B, sendo a maior delas o tratamento de pessoas que já utilizam pronomes neutros para si. Segue-se, como segunda maior motivação, o uso direcionado a um grupo de pessoas que tenha diversificação de gêneros. Segue Gráfico 2 com essas informações:



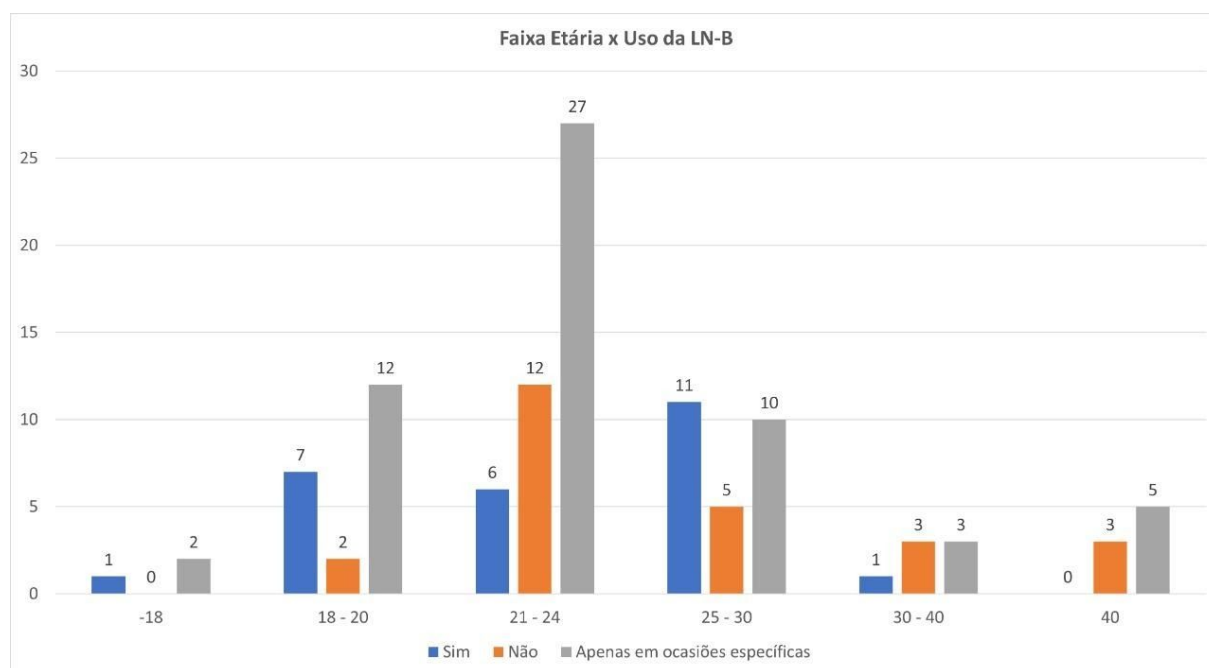
Percebe-se, então, o caráter social da Linguagem Não-binária, utilizada principalmente para respeitar identidades que se encontram fora de ou entre a binariedade de gênero. O uso da LN-B para combater o machismo na língua portuguesa é uma outra característica social marcante, mas que aparece muito atrás da primeira motivação citada. A opção de utilizar a variação de gênero neutro em detrimento do “masculino generalizador” vai em direção da ideologia de igualdade entre os gêneros e pode indicar que há, nesse grupo de fala, a intenção ou disposição de não perpetuar uma linguagem sexista ou patriarcal. Reiterando o protagonismo de pessoas não-binárias, tem-se o gráfico de uso da LN-B (Gráfico 3) quanto ao gênero dos participantes:



O gráfico 3 revela que, apesar de haver pessoas não-binárias que não utilizam a LN-B, o grupo foi o que apresentou a maior porcentagem, relativa à sua totalidade, de respostas afirmativas e categóricas. Isso endossa o protagonismo de pessoas não-binárias e do ativismo trans não-binário na utilização da linguagem de gênero neutro. É importante ressaltar, também, que foi o único grupo em que houve um maior número de respostas "sim" do que de respostas “apenas em ocasiões específicas”.

De modo paralelo, a LN-B é um fenômeno novo, criado e usado por pessoas majoritariamente jovens (Gráfico 4). Isso não significa que houve um aparecimento recente de indivíduos não-binários ou que esses indivíduos não existiam antes; mas que agora há uma maior facilidade em obter e difundir informações devido à globalização e ao acesso à internet, bem como

uma maior representatividade em instâncias privilegiadas – como pessoas famosas. Isso reitera a fala de Faraco, que diz que "a implementação das inovações é feita primordialmente pelas gerações mais jovens e pelos grupos socioeconômicos ditos intermediários" (2005, p. 23).

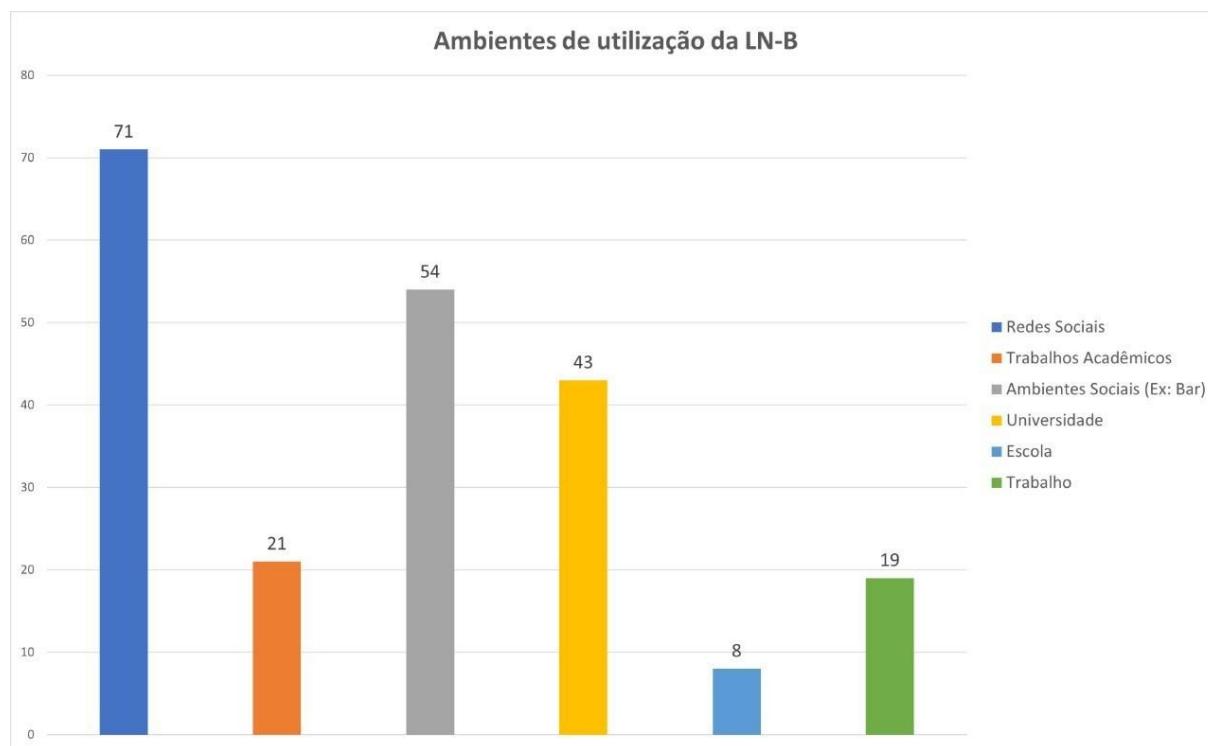


É importante salientar que a variante da idade foi dividida em intervalos que aumentam proporcionalmente às faixas etárias, em uma tentativa de simulação da divisão de gerações. Isso é justificado pela velocidade dos avanços tecnológicos, que fazem com que as mudanças geracionais ocorram em períodos cada vez mais curtos.

Observou-se que, quanto mais jovens os participantes, maior o uso da LN-B, apesar de algumas oscilações. Entre as pessoas de 25 a 30 anos, 19,2% disseram não utilizar a LN-B; esse número sobe entre pessoas de 21 a 24 anos – contrariamente ao esperado – para 26,7%. Entretanto, entre as pessoas de 18 a 20 anos que responderam ao questionário esse número cai novamente, pois apenas 9,5% afirmou não usar a linguagem não-binária. Chega-se, então, às pessoas menores de idade, das quais não houve nenhuma que disse não utilizar a LN-B.

É possível inferir desses dados que essa variação está sendo, cada vez mais, aceita por falantes mais jovens, de modo que existe a possibilidade de uma implementação futura na língua a partir de seu uso. Percebe-se que os falantes mais jovens apresentam uma maior facilidade quanto ao uso de uma linguagem não sexista, presumivelmente pelo maior contato com redes sociais e, conseqüentemente, com informações sobre diferentes modalidades e identidades de gênero.

Reitera-se que a internet, a qual tem os jovens como maior público, tem dado voz às pessoas e auxiliado na veiculação de informações acerca da não-binariedade e da linguagem não-binária. Portanto, há uma relação, também, entre o uso de redes sociais e o uso da LN-B (Gráfico 5).



Percebe-se, de acordo com o gráfico, que o ambiente de maior utilização da LN-B é o virtual, caracterizado pelas redes sociais. Em seguida, têm-se ambientes sociais e, depois, a universidade. Portanto, ainda é notável a característica de informalidade da LN-B, considerando-se o pouco uso da variante em ambientes ditos oficiais, à exceção da universidade. Essa característica também se dá ao fato de ser um fenômeno linguístico relativamente recente e que ainda está sendo constituído e difundido.

A universidade está como terceiro ambiente de maior utilização da linguagem neutra, muito provavelmente pela diversidade demográfica encontrada nela, inclusive com relação a gênero. Trabalhos acadêmicos aparecem em menor quantidade no gráfico, o que era expectável, mas é interessante observá-los como ambientes em que utilizam a LN-B, visto que isso mostra um lento caminhar para sua oficialização. Já a escola ainda é um lugar com pouco destaque, o que se deve, possivelmente, ao número baixo de participantes que frequentam o ambiente escolar. Quanto ao ambiente de trabalho, poucas são as pessoas que nele usam a LN-B.

Nota-se, ademais, que a maior parte das pessoas que dizem utilizar a LN-B em trabalhos acadêmicos ou no ambiente de trabalho são não-binárias. Esse protagonismo está em concordância com a concepção de Rodrigues que a língua caminha por conta da necessidade de estar em conformidade ao contexto do(a) falante (2016). O padrão da binariedade é quebrado em locais mais

oficiais quase que exclusivamente por pessoas que já o quebram diariamente por meio de sua existência. Chouliaraki e Fairclough afirmam que os discursos estudados pela ADC partem da percepção de um problema em alguma instância da vida social. A ausência de opções neutras na gramática sistematizada, o problema em questão, é um problema de autoidentidade e não pertencimento para as pessoas não binárias, mas não é um problema instintivamente percebido pelas pessoas cisgêneras, pois a norma-padrão já as atende.

Como já foi mostrado, das 110 pessoas que responderam o questionário, 25 afirmaram não utilizar a Linguagem Não-Binária. Elas puderam, então, responder com suas próprias palavras os motivos pelos quais não fazem uso dessa variação. Foram levantadas diversas respostas, mas muitas têm características em comum, e todas podem ser lidas no Apêndice.

Quanto aos motivos, 10 respostas mencionaram desconhecimento sobre a LN-B, seja de sua existência, seja de como utilizá-la efetivamente, como, por exemplo, “Acho que por causa da minha criação e por falta de conhecimento também, sei muito pouco sobre a linguagem neutra, fiquei sabendo agora, mas penso que é de muita importância” e “Não conheço a linguagem ainda suficiente (preciso melhorar)”. Grande parte das que citavam desconhecimento falavam também que a falta de costume a tornava pouco natural, como, por exemplo, a resposta: "Tento pensar de forma neutra, mas ainda tenho muita dificuldade de automatizar. Alguns amigos a utilizam e com eles acaba sendo mais fácil. Na hora de escrever, às vezes consigo parar e pensar para escrever de forma neutra, mas nem sempre tenho tempo para revisar o que escrevi.”

Essas respostas muito remetem ao que Faraco (2005) diz a respeito da mudança na língua, pois fica claro que ela começou em um nicho e, apesar de estar se espalhando, ainda não atingiu todas as esferas sociais. Fica clara, também, a necessidade de se escrever e pesquisar mais sobre a linguagem não-binária para que ela receba mais visibilidade. Além disso, é perceptível que ambas as pessoas que escreveram essas respostas gostariam de ter mais conhecimento sobre a LN-B, para poder usá-la com mais frequência e propriedade, e reconhecem sua importância.

Por outro lado, muitas respostas demonstraram desaprovação à variação não-binária, como pode ser percebido nos comentários “Não tenho costume, soa esquisito e forçado” (grifo nosso); “Não tive necessidade, nem é algo que me afeta.” “(A LN-B) Não tem importância. Pior, não tem necessidade.” e “Acho a maior besteira!”. Observa-se que, como exposto anteriormente, novas variações de fato são frequentemente desmerecidas por serem consideradas desnecessárias ou até mesmo desvantajosas para a linguagem. (FARACO, 2005) Além do mais, percebe-se que há falantes que não vêem vantagem na existência de uma linguagem não binária pois, em sua rede de práticas, a sua ausência não é considerada um problema social.

Houve, também, duas respostas que não levavam em consideração a existência de pessoas não-binárias, foram elas “Porque uso (a linguagem) sempre me referindo ao masculino e feminino. Ex: boa noite a todos e todas” e “Acredito que (essa linguagem) seja extremamente elitista; sua funcionalidade é puramente virtual e não tem qualquer aplicabilidade real. Também descredito na existência de gêneros além do espectro binário. Gêneros são meros estereótipos e fazem parte do comportamento humano transitar entre espectros femininos e masculinos (que, por si só, não deveriam existir dessa maneira). Criar mais gêneros é, na minha opinião, rotular comportamentos naturais ao ser humano e não serve ao propósito de reduzir a opressão.”

Essas respostas, em especial as duas últimas, deixam transparecer o caráter cisnormativo da sociedade brasileira. Como visto anteriormente, o estranhamento e a ridicularização são formas opressoras de diminuir e menosprezar um discurso, e ambos podem ser encontrados, respectivamente, na escolha de usar dos termos “esquisito” e “maior besteira”. Essa depreciação de uma prática emancipatória é, segundo Fairclough (1999) uma ferramenta de manutenção das estruturas de poder e do discurso dominante que a acompanha. Já o uso das formas masculinas e femininas, mesmo que com a intenção de incluir todo mundo, desconsidera a existência de pessoas que não se encaixam nessas duas possibilidades. Ainda assim, é um primeiro passo para uma linguagem menos sexista. Entretanto, o último comentário é conscientemente cisnormativo, ou seja, há intenção efetiva de desqualificar e negar a existência de pessoas não-binárias.

As pessoas que responderam que usam a LN-B ou que a usam apenas em ocasiões específicas também foram convidadas a responder uma pergunta descritiva, que questionava a importância da linguagem neutra para elas. Acerca dessas respostas, muitos aspectos importantes foram levantados, como pode ser visto nos seguintes comentários: “Respeito à identidade pessoal individual”; “Facilitar comunicação respeitando todos gêneros”; “Validação e reconhecimento de identidades de gênero não binárias”; “Desconstrói a relação de binariedade intrínseca à língua portuguesa”; “Inclusão e subversão ao masculino universal” e “Tratar as pessoas de forma mais igual, respeitar seus espaços, incluir-se também nesses espaços. É perceber melhor quem está à sua volta.”.

Muitos comentários não só mencionaram questões importantes, como salientaram a necessidade de que a linguagem neutra seja mais usada. Trata-se de falantes que reconhecem que o discurso tem consequências e efeitos na comunidade de fala e que é uma ferramenta que pode contribuir para construção de relações sociais mais democráticas e igualitárias. Quanto a isso, destacam-se os trechos “A discussão sobre gênero chegou a um ponto que precisa sair somente da discussão e ser mostrada no nosso dia-a-dia, propagar que existem pessoas q não se identificam com os gêneros como são”; “Aderir a linguagem neutra é essencial tanto para pessoas que se identificam somente com os pronomes neutros quanto para situações onde vamos tratar um grupo de pessoas,

principalmente quando não temos ciência sobre os gêneros inclusos naquele grupo. Evitar que as nossas ações causem disforias e desconfortos em outros é necessário!"; "Na minha opinião, a maior importância da linguagem neutra está no respeito a pessoas que utilizem pronomes neutros. Esse respeito ocorre tanto pelo tratamento neutro correto, quanto pela popularização de termos neutros, aumentando a inclusão de gêneros não-binários em todas as parcelas da sociedade." e "Incluir pessoas dentro de conversas e não trazer constrangimento a elas no momento de se comunicar na minha opinião é crucial, então fazer alguém se sentir bem respeitando os pronomes que a pessoa deseja que sejam usados com ela é essencial e por isso a linguagem neutra é tão importante".

Essa dicotomia de valorização e descontentamento em relação à linguagem neutra é prevista por Faraco (2005), que afirma que a primeira reação da comunidade de fala às formas inovadoras que não foram criadas por aquele grupo é, na maioria das vezes, negativa. Entretanto, como pode um indivíduo usuário da língua alegar que não há necessidade da variação acontecer? Se surgiu uma variação, mesmo que, inicialmente, em um nicho da sociedade, foi para suprir uma necessidade linguística e constituir a identidade social daquele grupo. Rodrigues (2016) defende que usos alternativos são uma estratégia eficaz que a língua possibilita para que sua comunidade de fala a mantenha expressiva, atualizada e representativa.

Dessa forma, é trajeto natural das línguas vivas sofrerem modificações e implementos, receberem críticas quanto a essas variações e seguirem se transformando. De acordo com Lins, Machado e Escoura "se a língua é um instrumento flexível – e acreditamos que seja –, ela pode ser transformada de acordo com novos desejos de comunicação e com a nossa luta para estabelecer uma sociedade mais equitativa." Esse é o percurso e a intenção da linguagem neutra, ela é um meio para chegar a uma sociedade mais inclusiva, mesmo percebendo na prática que Alckmin acertou ao dizer que "a decisão de falar de um modo distinto daquele que aprendemos não se concretiza facilmente". (2003, p.43)

A linguagem não-binária ainda não é utilizada por toda a sociedade brasileira, mas, como vimos, nenhuma variação é. Essa pesquisa foi feita como e é apenas uma iniciativa linguística, social, crítica e acadêmica de levantar essa questão e apontar que há um contexto que está sendo desfavorecido na nossa língua. Se não há espaço na língua, não há na sociedade, assim como a recíproca também se faz verdadeira: se não há espaço na sociedade, não há na língua. Na sociedade não havia espaço para as pessoas não-binárias, e ainda não há o suficiente, mas há necessidade e, quando há necessidade, há mudança. A mudança já está acontecendo, não nas gramáticas, mas na boca da população, pois quem faz a língua é quem a usa. Ou, nas palavras de Mascuschi, "são os usos que fundam a língua, e não o contrário". (*apud* Rodrigues, 2016)

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como evidenciado, a Linguagem Não-Binária surgiu para suprir e solucionar a demanda de uma variação sem marcação de gênero na língua portuguesa, posto que a gramática normativa não prescreve a possibilidade de um gênero neutro. Essa ausência intensificou a utilização do gênero masculino como generalizador e deixou uma parte da comunidade de fala – pessoas trans e não binárias – sem representação.

Em primeira instância, a linguagem neutra se deu pela necessidade feminista de uma maneira de se comunicar que não generalizasse o discurso com o uso do masculino universal. Como o movimento feminista defende a igualdade entre os gêneros, é lógico que buscasse um discurso que fosse coerente à sua ideologia e à sua rede de práticas. À vista disso, começou-se a usar o @ no lugar da desinência de gênero em formas escritas, como nas palavras *menin@s* e *alun@s*. Concomitantemente, o x começava a ser usado nas redes sociais da mesma forma, no final das palavras, não só com o objetivo de não usar o masculino genérico, mas também de não fazer nenhuma marcação de gênero.

Entretanto, tais formas de neutralização caíram em desuso por sua impossibilidade de verbalização e pela inacessibilidade de pessoas cegas, que utilizam leitores de tela. Essas tentativas, mesmo que não tenham se consolidado, fomentaram o debate no Brasil a respeito da necessidade de uma linguagem não-sexista e que não abarcasse apenas os gêneros, artigos e formas femininas e masculinas.

A partir da não consolidação dessas tentativas, começou-se a pensar em uma não marcação de gênero na reformulação do discurso com o uso de palavras e expressões naturalmente neutras, chamadas pela gramática normativa de sobrecomuns, como "crianças" e "corpo discente". Porém, a língua portuguesa não prescreve uma grande variedade de nomes com essa característica, dificultando a proposta – amplamente indicada no Manual para o uso não sexista da linguagem elaborado pela UFRS– além de existir uma problemática ainda maior quando se trata de pronomes pessoais da terceira pessoa.

Entrementes, as pessoas não-binárias reivindicavam o reconhecimento de sua existência, tanto na sociedade como na gramática prescritiva. Essa necessidade, que sempre existiu, se tornou cada vez mais visível e debatida por conta da larga veiculação de informações presente na internet. A língua se mostrou não muito eficiente em lidar com e incluir as diversas modalidades e identidades de gênero que, cada vez mais, se mostravam reais e existentes. Foi nesse contexto que surgiram os neopronomes e o sistema não-binário de linguagem: a inclusão de pessoas não-binárias



no discurso é uma ferramenta amenizar o preconceito que elas sofrem na sociedade. Foram, então, criados diferentes conjuntos de linguagem neutra, com terminações e pronomes que diferem uns dos outros, mas que apresentavam o mesmo propósito: se opor à obrigatoriedade de uma marcação de gênero.

Tarallo defende que a sociolinguística é o estudo do vernáculo, ou seja, da língua falada, e a define como “enunciação de expressão de fatos, proposições, ideias sem a preocupação de como enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua (...)” (2001, p.19). Entretanto, a variação não-binária, especificamente, não se encaixa nessa descrição, muito pelo contrário. A LN-B não surgiu espontaneamente, mas de uma vontade racionalizada. Trata-se de uma variação consciente, e as pessoas que a utilizam o fazem intencionalmente, por almejam uma comunicação, de fato, inclusiva.

A linguagem não-binária é um fenômeno linguístico relativamente recente, por consequência, há muitas pessoas que se opõem a ela e a ideologia por detrás dela. A variação é frequentemente contestada por introduzir novos pronomes na língua – em vez de seguir os prescritos pela norma-padrão – e, como elucidado anteriormente, há a ideia, no imaginário popular, de que língua é o conjunto de regras preestabelecidas nas gramáticas e que a linguagem deve segui-las.

Mesmo no ambiente linguístico em que a LN-B surgiu, entre pessoas LGBTQI+ jovens e universitárias, há pessoas que discordam do seu uso. Isso se dá principalmente pelo fato de a linguagem não-binária integrar-se à teoria *queer* e defender que não há apenas dois gêneros, e sim um espectro de gêneros pelo qual as pessoas podem transitar. Por essa teoria romper com a cisnormatividade à qual a nossa sociedade está acostumada, ela recebe muita rejeição.

Por ser um assunto ainda incipiente, não há muitas produções acadêmicas publicadas sobre ele, o que pode se dar ao fato de ser uma temática que levanta tantas opiniões controversas. O número parco de publicações acadêmicas acerca da linguagem não-binária não deixa de ser, também, um reflexo da falta de atenção e importância que a sociedade atribui a esse assunto. A vista disso, que a forma mais eficiente de encontrar informações a respeito da LN-B se mostrou ser em conversas com pessoas não-binárias e em sites e fóruns da internet.

Portanto, fica clara a importância de um maior engajamento da academia em estudar e analisar o fenômeno descrito neste trabalho – quiçá ampará-lo a implementar uma forma neutra –, considerando seu papel de intermediária entre o poder e as ideologias circunscritas na língua. Isto

posto, os linguistas, principalmente os que trabalham com a sociolinguística, têm a aptidão necessária para serem coadjuvantes na atualização que a sociedade mostra ser necessária na língua, a partir do desenvolvimento de estudos e pesquisas acerca do assunto.

Apesar dessa pesquisa ter caráter introdutório e qualitativo, foi possível perceber que se trata de um fenômeno linguístico com grande potencial, que tem se popularizado exponencialmente entre todas as pessoas que buscam uma maior igualdade entre gêneros e uma comunicação mais inclusiva. A exemplo, tem-se a Suécia e o pronome neutro "hen", o qual foi criado na década de 1960, mas que só ganhou visibilidade em 2012, quando utilizado em um livro infantil – "Kivi e o Monstro Cachorro", escrito por Jesper Lundquist – em que *e* protagonista não tinha gênero. Após a publicação e a visibilidade do pronome, este foi implementado – em 2015, visto que os dicionários suecos são atualizados a cada 10 anos – no vocabulário oficial da língua. No Brasil, foi publicado o “Manual para o uso não sexista da linguagem” pelo governo do Rio Grande do Sul. O manual não prega a existência de um neopronome neutro, mas traz diversas ferramentas eficazes de neutralizar o discurso, de forma a livrá-lo do androcentrismo tradicional.

Essa pesquisa qualitativa buscou traçar um panorama do uso e percepção da sociedade brasileira a respeito da linguagem não-binária; entretanto, é um estudo preambular. O fenômeno tem referências e dados que requerem mais estudos sociolinguísticos e sociais críticos, como uma análise quantitativa da escolha lexical das pessoas não-binárias, a formação dos conjuntos da linguagem neutra, análise fonológica da forma como os neopronomes são pronunciados, e uma pesquisa sobre a intolerância da sociedade com as pessoas não binárias, dentre variados temas que não foram contemplados neste artigo. Isto posto, consideramos ser necessidade da língua e da sociedade a existência de uma variação neutra, visto o caráter patriarcal do português brasileiro atual, o qual deve ser, impreterivelmente, combatido, para que o nosso idioma abarque toda a população falante de forma plena e incondicional

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BAGNO, M. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta** língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- CANSADO, Ana. **O masculino genérico: uma questão gramatical ou um debate ideológico?** Esquerda, 7 de abril de 2015. Disponível em: <<https://www.esquerda.net/opiniao/o-masculino-generico-uma-questao-gramatical-ou-um-debate-ideologico/36527>> Acesso em: 08 de dez. de 2019
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.) **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHOULIARAKI, L. & N. FAIRCLOUGH. **Discourse in late modernity**. Rethinking critical discourse analysis. Edinburgh:Edinburgh University Press, 1999
- FAIRCLOUGH, Norman. **Análise Crítica do Discurso como método** em pesquisa social científica. Linha D'Água, 2012
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse**. Textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. New York: Longman, 1989.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005
- FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Gorski (Orgs.). **Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015.
- GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL; SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA MULHERES. **Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem e entende**. Rio Grande do Sul: Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital, 2014.

LUCCHESI, Dante. **Parâmetros Sociolinguísticos do Português Brasileiro**. Revista da ABRALIN, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112, dez. 2006.

LUCCHESI, Dante; ARAÚJO, Silvana. **A teoria da variação linguística**. Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia, c.2019. Disponível em:

<<http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>> Acesso em: 05 de dez. 2019

MAGALHÃES, Izabel. Introdução à análise do discurso crítica. D.E.L.T.A, 21 Especial, 2005.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MOKWA, Marcela. **O papel e a função da linguagem não binária ou neutral no contexto das redes online**. Movimento Revista, 28 de fev. de 2019. Disponível em:

<<https://movimentorevista.com.br/2019/02/o-papel-e-a-funcao-da-linguagem-nao-binaria-ou-neutral-no-contexto-das-redes-online/>> Acesso em: 08 de dez. de 2019.

RESENDE, Viviane de melo; **Análise de discurso crítica: uma perspectiva transdisciplinar entre a lingüística sistêmica funcional e a ciência social crítica**. 33rd International Systemic Functional Congress São Paulo: PUSP, 2006.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas**. Linguagem em (Dis)curso - LemD, 2004.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

RODRIGUES, Ulisdete R. S. Variação linguística, preconceito linguístico e ensino. In: LABORDÉ, Elga Pérez; Unternbäumen, Enrique Huelva; NAVES, Rozana Reigota (Orgs.). **Interculturalidade e patrimônio em contextos latino-americanos**. Campinas: Pontes Editora, 2016.

RUBIÃO, Vitor. **Não-binariedade: conceitos** Ume garote alternative, 24 de fev. de 2018. Disponível em: <<https://umegarotealternative.blogspot.com/2018/02/nao-binariedade-conceitos.html>> Acesso em: 04 de dez. de 2019

RUBIÃO, Vitor. **Não-binariedade: linguagens** Ume garote alternative, 1º de abril de 2018. Disponível em: <<https://umegarotealternative.blogspot.com/2018/04/nao-binariedade-linguagens.html?m=1>> Acesso em: 04 de dez. 2019

SANT'ANNA, Aster. **O que é neolinguagem?** Orientando, c2016. Disponível em: <<https://orientando.org/o-que-e-neolinguagem/>> Acesso em 04 de dez. de 2019.

SANT'ANNA, Aster. **Linguagem** Orientando, 08 de jun. de 2016. Disponível em: <<https://orientando.org/forum/t/linguagem/>> Acesso em: 04 de dez. de 2019.

SANT'ANNA, Aster. **Lista de sistemas opressivos.** Orientando, c2016. Disponível em: <https://orientando.org/listas/lista-de-sistemas-opressivos/>> Acesso em: 08 de dez. de 2019.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL; SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA MULHERES. **Manual para o uso não sexista da linguagem:** o que bem se diz bem e entende. Rio Grande do Sul: Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital, 2014.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos.** Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais** A questão de gênero na escola. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística.** São Paulo: Editora Ática, 1994.

## 7. APÊNDICE

QUADRO 1 – Variação nos pronomes

<b>Ela</b>	<b>Aquela</b>	<b>Dela</b>	<b>Nela</b>
Ela é legal	Aquela jornalista	Isso é dela	Pensei nela
<b>Ele</b>	<b>Aquele</b>	<b>Dele</b>	<b>Nele</b>
Ele é legal	Aquele jornalista	Isso é dele	Pensei nele
<b>Elu</b>	<b>Aquelu</b>	<b>Delu</b>	<b>Nelu</b>
Elu é legal	Aquelu jornalista	Isso é delu	Pensei nelu
<b>Élu</b>	<b>Aquélu</b>	<b>Délu</b>	<b>Nélu</b>
Élu é legal	Aquélu jornalista	Isso é délu	Pensei nélu
<b>Éli</b>	<b>Aquéli</b>	<b>Déli</b>	<b>Néli</b>
Éli é legal	Aquéli jornalista	Isso é déli	Pensei néli
<b>Eli</b>	<b>Aqueli</b>	<b>Deli</b>	<b>Neli</b>
Eli é legal	Aqueli jornalista	Isso é deli	Pensei neli

QUADRO 2 - Variação no final de palavras

<b>a</b>	<b>e</b>	<b>i</b>	<b>o</b>	<b>u</b>	<b>x</b>
Linda	Linde	Lindi	Lindo	Lindu	Lindx
Aluna	Alune	Aluni	Aluno	Alunu	Alunx
Médica	Médique	Médiqui	Médico	Médicu	Médicx
Não-binária	Não-binárie	Não-binári(i)	Não-binário	Não-bináriu	Não-binárix

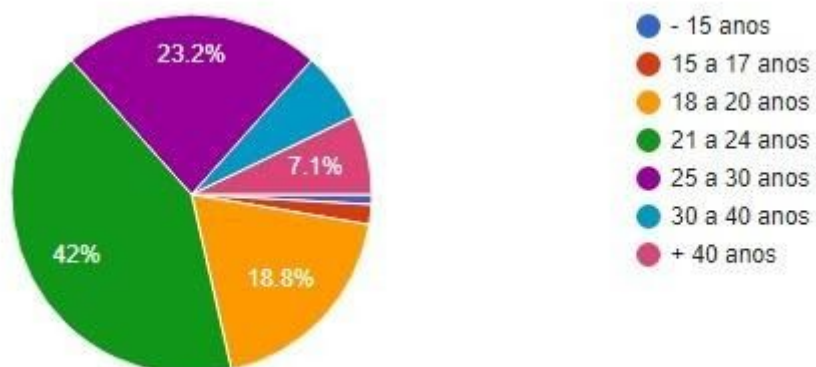
QUADRO 3 - Variação nos artigos

<b>a</b>	<b>e</b>	<b>i</b>	<b>o</b>
<b>a</b> artista	<b>e</b> artista	<b>i</b> artista	<b>o</b> artista
<b>u</b>	<b>ê</b>	<b>ed</b>	<b>le</b>
<b>u</b> artista	<b>ê</b> artista	<b>ed</b> artista	<b>le</b> artista

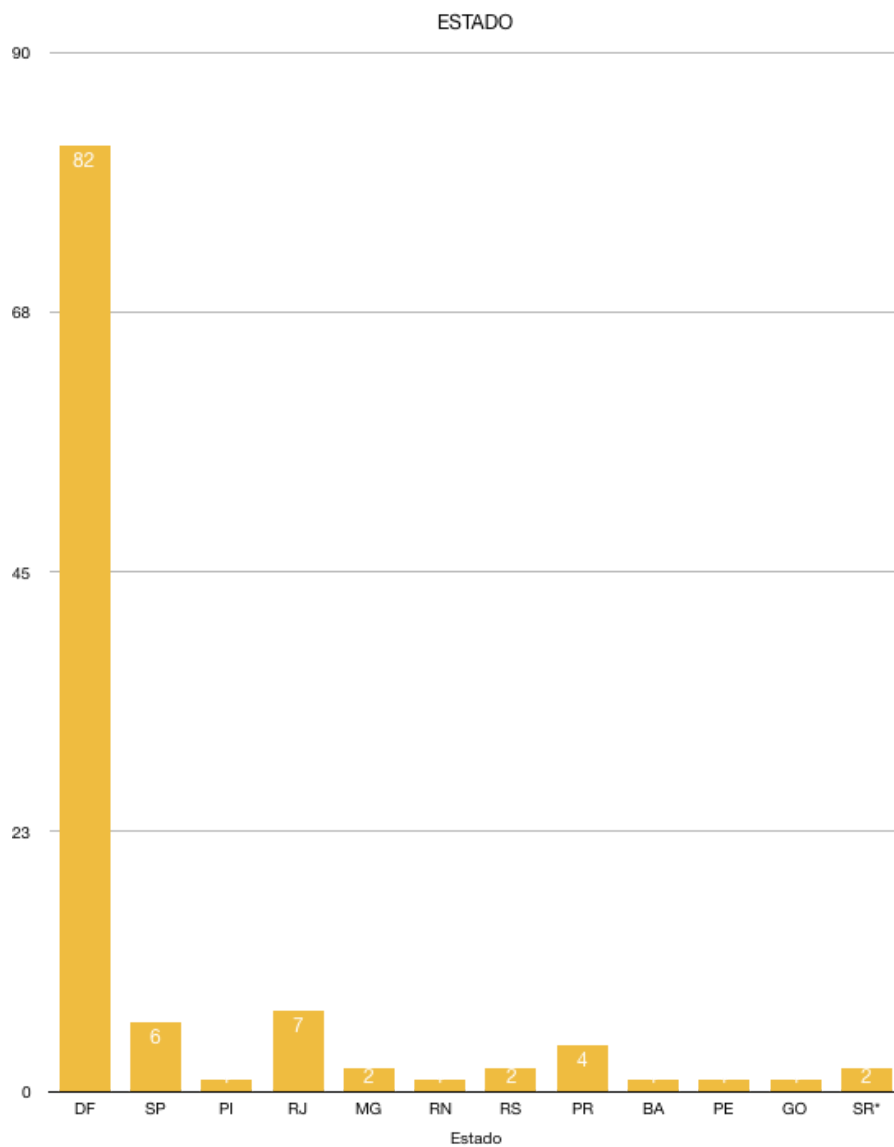
## QUESTIONÁRIO

### PRIMEIRA ETAPA - Dados pessoais

#### 1. Faixa etária



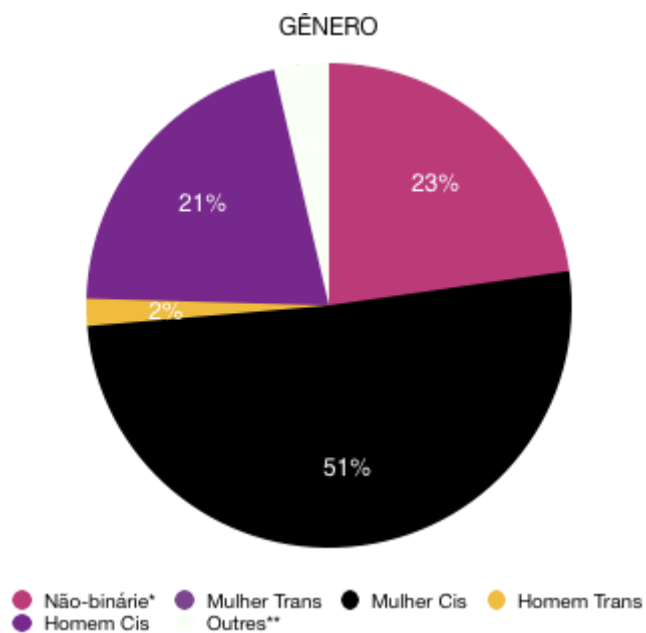
#### 2. Cidade, Estado



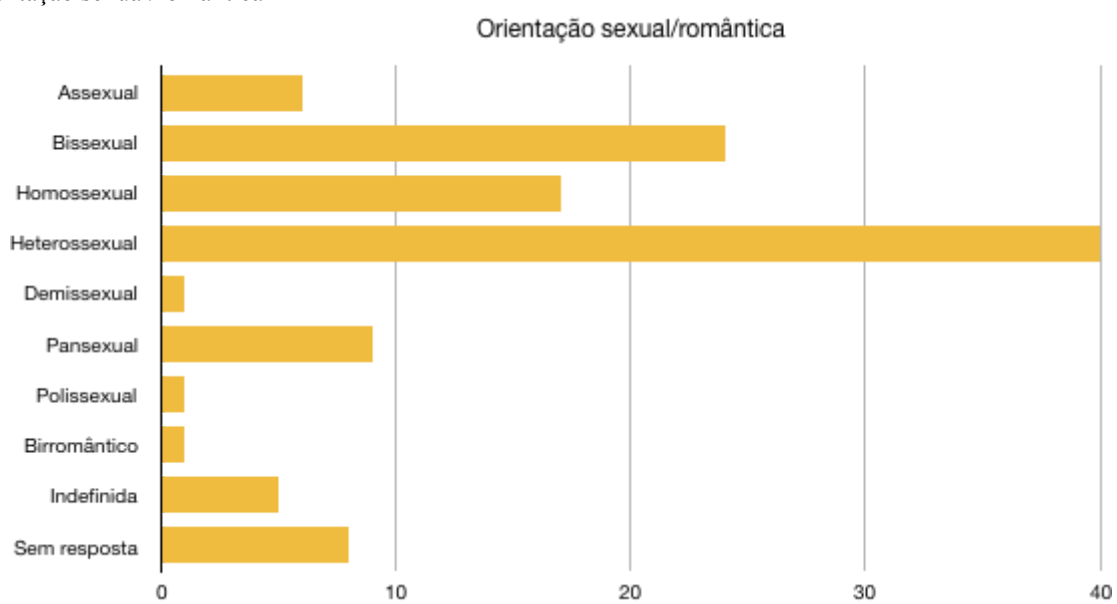
3. Você se identifica com algum gênero? Se sim, qual/quais?

4. Você é trans, cis ou outra opção?

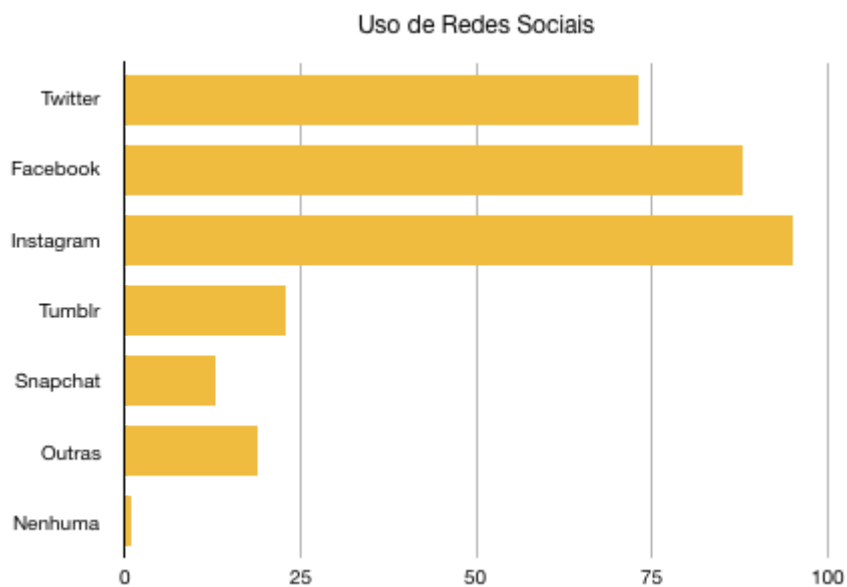




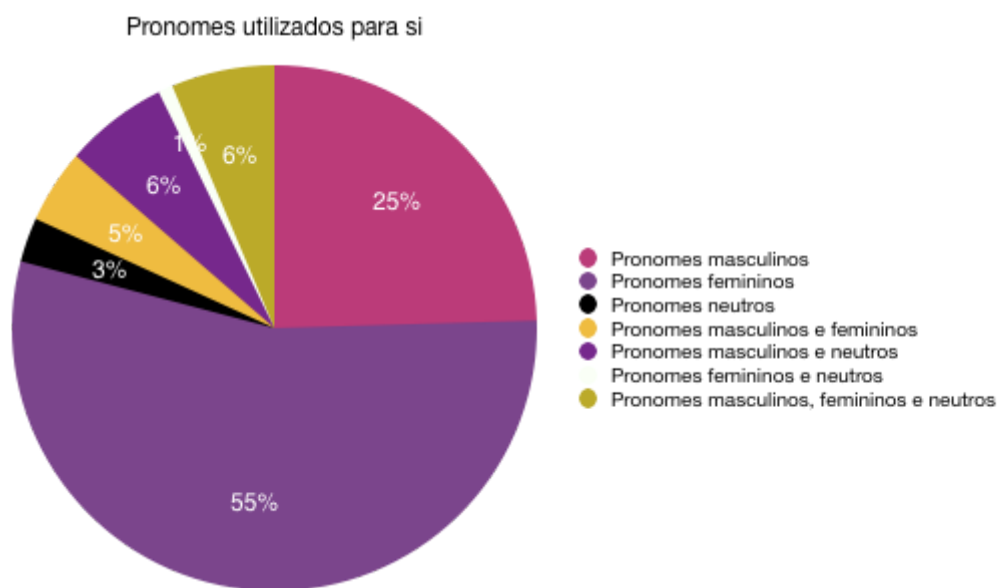
#### 5. Orientação sexual/romântica



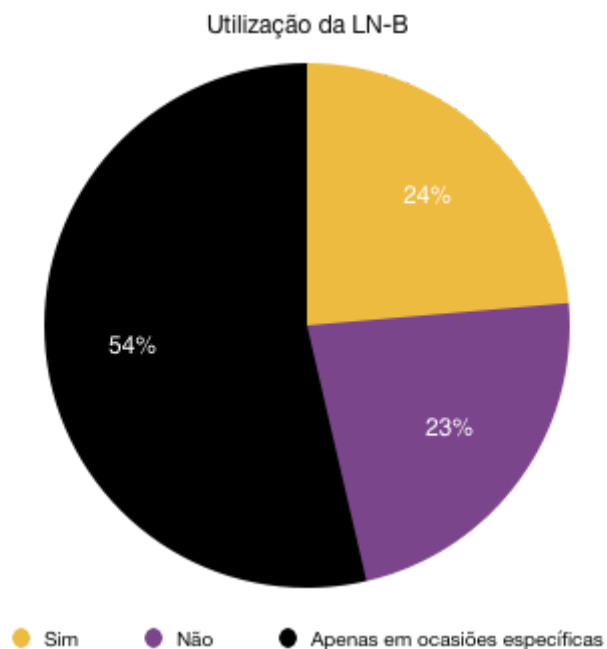
#### 6. Você tem redes sociais? Quais?



7. Qual/Quais pronomes você utiliza para si?

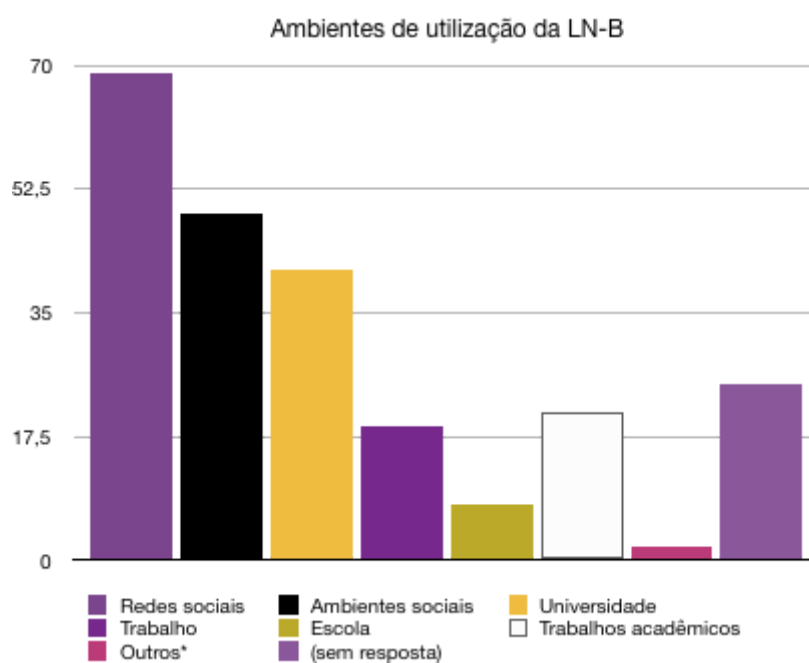


8. Utiliza linguagem neutra?

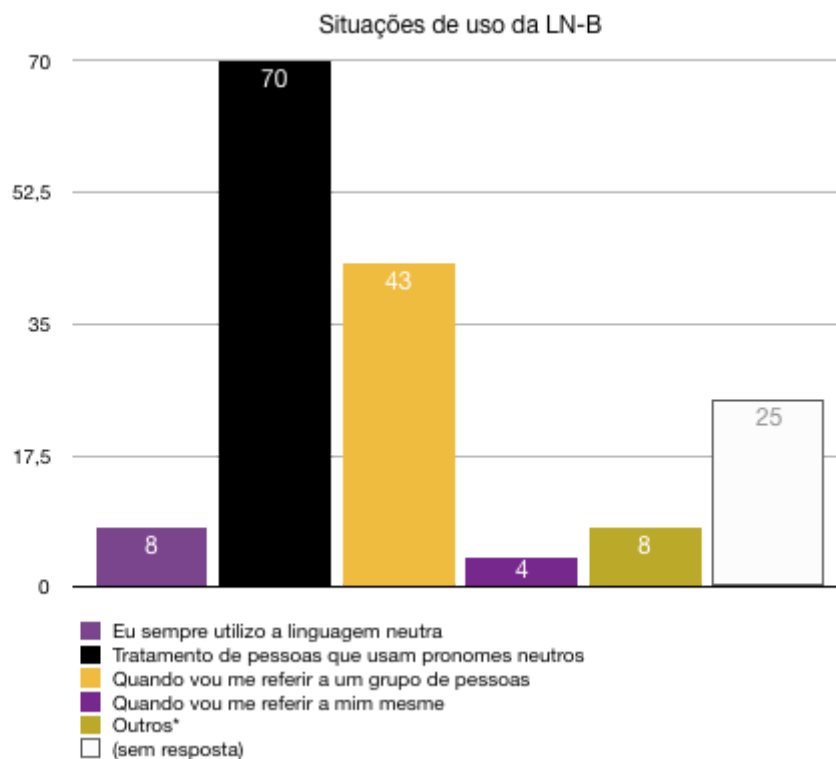


## SEGUNDA ETAPA (1 de 2) - A utilização da Linguagem Neutra

1. Em quais ambientes você utiliza a linguagem neutra?



2. Quais situações te levam à utilização da linguagem neutra?



3. Quais outras situações que não as descritas te levam à utilização da linguagem?  
[resposta descritiva]

## SEGUNDA ETAPA (2 de 2) - A não-utilização da Linguagem Neutra

1. Por que você não utiliza a linguagem neutra?

Não gosto

Por conta de dislexia

Eu realmente não sei

não tenho costume, soa esquisito e forçado

Falta de conhecimento sobre a linguagem

Não tive necessidade, nem é algo que me afeta.

Acho que por causa da minha criação e por falta de conhecimento também, sei muito pouco sobre a linguagem neutra, fiquei sabendo agora, mas penso que é de muita importância

Desconhecimento

Porque uso sempre me referindo ao masculino e feminino. Ex: boa noite a todos e todas

Não conhecia

O nosso idioma possui termos neutros para que possamos optar por não distinguir gênero em nossas falas.

Tento pensar de forma neutra, mas ainda tenho muita dificuldade de automatizar. Alguns amigos a utilizam e com eles acaba sendo mais fácil. Na hora de escrever, às vezes consigo parar e pensar para escrever de forma neutra, mas nem sempre tenho tempo para revisar o que escrevi.

Acho a maior besteira!

Não conheço a linguagem neutra

Não me acostumei a usar. Já ouvi críticas também de que o uso do "x" ou "@" seria ruim, porque não seria acessível para pessoas com alguma deficiência auditiva, por exemplo. Nunca tinha ouvido os termos "elu" e outros, achei interessante. Acho importante utilizar essa linguagem, porque além de tentar ser inclusiva, também é uma forma de se lidar com o machismo.

Porque não sei como usar

Nunca foi necessário seu uso até então.

Não me sinto a vontade com ela

Não conheço a linguagem ainda suficiente (preciso melhorar)

Por que não acho que seja realmente neutra

Acredito que seja extremamente elitista; sua funcionalidade é puramente virtual e não tem qualquer aplicabilidade real. Também desacredito na existência de gêneros além do espectro binário. Gêneros são meros estereótipos e faz parte do comportamento humano transitar entre espectros femininos e masculinos (que, por si só, não deveriam existir dessa maneira). Criar mais gêneros é, na minha opinião, rotular comportamentos naturais ao ser humano e não serve ao propósito de reduzir a opressão.

Não seria compreendido na maioria dos ambientes que frequento.

Não encontrei ainda um consenso sobre como deve ser utilizada, o formato e ocasiões. Tanto oral como escrita.

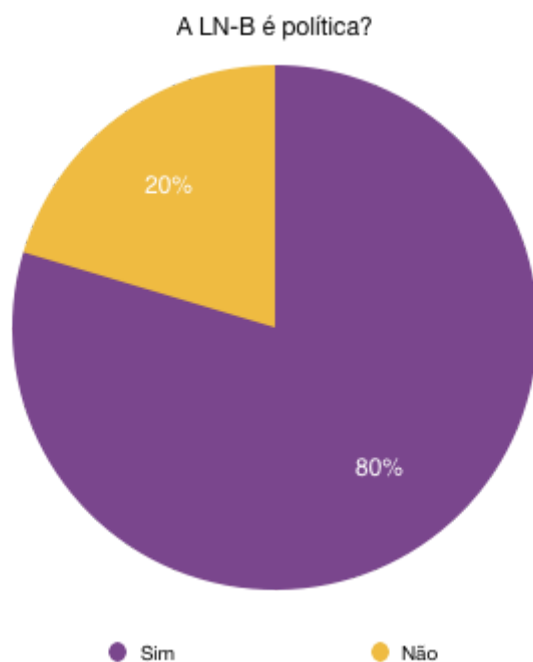
Também não conheço pessoas não- binárias e não vejo em meu cotidiano a necessidade dessa linguagem

Falta de conhecimento da ferramenta e de conscientização sobre os seus propósitos. A sensação de inadequação gerada pelo seu uso em determinados contextos sociais também é um empecilho

Não

### TERCEIRA ETAPA – Opinião

1. Você acha que o uso da linguagem neutra é político?



2. Se houver, qual a importância do uso da linguagem neutra para você? Caso não tenha, responder “Não há”.

Reconhecimento de quem eu sou por parte de quem eu convivo e da sociedade como um todo, mas acima disso instrumento linguístico de auto-afirmação existencial.
Não tem
É uma forma de tornar as pessoas mais confortáveis e também deixar claro que ninguém tem cara de pronome x ou y.
Respeito à identidade pessoal individual
Demarcar/reforçar a existência da não-binariedade
A luta pelos direitos trans, mas também tirar a carga de machista dos pluarais
É importante para que eu possa sempre lembrar de incluir todas as minorias em minhas conversas, sejam elas quais forem
É uma forma de se posicionar a sobre diferentes lutas que envolvem gênero, bem como respeitar diferentes identidades e formas de ser.
Não há
Não há
Não há, mas se alguém fizer questão eu posso usar.
A importância consiste no fato de reconhecer a existência de pessoas não-binárias, trans e gender fluid, incluindo-as de forma respeitosa na comunicação social do dia a dia e em meios acadêmicos.
É importante usar a linguagem neutra para incluir grupos oprimidos nos discursos, como não-binários, por exemplo
Respeito à não-binários e igualdade de gênero

Entendo a importância disso para pessoas que querem ser chamadas por pronomes neutros. E respeito. Mas acho complicado e bastante inacessível.
Então.. é que tudo é político
acho importante pq a linguagem se transforma em todas as sociedades e é desconfortável ter o "homem" (masculino) como abrangente pra pessoas
Facilitar comunicação respeitando todos gêneros
nao ha
Incluir pessoas dentro de conversas e não trazer constrangimento a elas no momento de se comunicar na minha opinião é crucial, então fazer alguém se sentir bem respeitando os pronomes que a pessoa deseja que sejam usados com ela é essencial e por isso a linguagem neutra é tão importante
Acho importante para representar, dar espaço e deixar à vontade as pessoas que não se sentem bem usando a linguagem em sua binariedade (usar apenas a/o), pois elas são válidas também.
Não há
Acho importante, é um modo de inclusão e um modo de diminuir a diferença entre as pessoas.
Respeito
Não
Importante para os trans
é importante pra quem quer ser tratado de forma neutra
Respeitar as identidades de gênero das pessoas e como elas são
O combate do preconceito na língua, a inclusão de pessoas trans e o costume de não deduzir o pronome de alguém
Inclusão social
A inclusão de todos!
A linguagem neutra proporciona uma comunicação com todos independente do gênero, por isso acho importante sua utilização
Pra mim, nenhuma. Mas pra quem prefere ser tratado por pronome neutro, deve ter grande importância
Não há
Não há
Desconstrução do machismo na linguagem e adequação a identidade de gênero de pessoas fora da binariedade de gênero.
Prefiro não opinar
Inclusão
Reconhecer os gêneros não-binários, reconhecimento da identidade de não-binários
Não há

Considero ser uma forma mais inclusiva e dissociada da construção patriarcal acerca do gênero e distinção binária masculino x feminino, homem x mulher.
Acredito que vivemos em uma sociedade diversa onde todos tem direito de se sentir incluídos. Isso passa de forma essencial pela linguagem. A comunicação tem o poder de nos conectar.
Pra mim, honestamente, não faz diferença. Eu sou mulher cis e as possibilidades (até então) da língua portuguesa me atendem. Porém, não é sobre mim. Se adiste alguém que prefere ser tratado dessa maneira, e o meu único ônus seria aprender novos pronomes, por que não fazê-lo? É um esforço pequena que acredito poder gerar um diferença enorme.
Não há, podemos ter um longo debate sobre isso.
É importante para respeitar a identidade de gênero de todes e para não usar o masculino como generalização
Não tem importância. Pior, não tem necessidade.
É uma forma de trazer visibilidade às pessoas que não se identificam com os gêneros binários
Permite uma expressão mais correta da minha identidade e contribui para tornar o português mais igualitário em relação ao gênero
Para pessoas que não se identifiquem com a linguagem binária
Na minha opinião, a maior importância do uso da linguagem neutra é respeitar pessoas que utilizam pronomes neutros. Sendo esse respeito relacionado tanto ao tratamento correto de pessoas de gêneros binários, quanto pela popularização dos termos, os tornando parte do vocabulário, e de certa forma, incluem
O respeito a todos.
Validação e reconhecimento de identidades de gênero não binárias
Não invisibilizar pessoas trans e/ou não-binárias
Na minha opinião, a maior importância da linguagem neutra está no respeito a pessoas que utilizem pronomes neutros. Esse respeito ocorre tanto pelo tratamento neutro correto, quanto pela popularização de termos neutros, aumentando a inclusão de gêneros não-binários em todas as parcelas da sociedade.
Eu entendo a importância para pessoas não binárias, na mesma medida que vejo a dificuldade de se usar oralmente. Sendo que em uma conversa informal nem mesmo as não binárias utilizam a todo momento.
Principalmente o tratamento de pessoas não binárias
Conseguir fazer referência a grupos não admitindo o masculino como majoritário, mas também não abarcando que tudo é feminino, tendo em vista que a masculinidade não é só cis e esse é um cuidado necessário.
Desconstrói a relação de binariedade intrínseca à língua portuguesa
inclusão de pessoas. mas pra mim a linguagem neutra é fluída.
Inclusão e subversão ao masculino universal
Não há
respeitar as pessoas que se identificam com tal e reafirmar sua existência enquanto decorrente do padrão binário e normativo regente
Permitir a inclusão de pessoas transgênero, quanto para diminuir o machismo na linguagem.



não há
Tratar as amigas com o devido respeito
Tratar as pessoas de forma mais igual, respeitar seus espaços, incluir-se também nesses espaços. É perceber melhor quem está a sua volta.
Respeito às diferenças
Respeitar as pessoas não-binárias e não rotulá-las
Ela é inclusiva
O nosso idioma é quase totalmente binário, então acho importante que pessoas não binárias tenham uma opção para se identificar e se sentirem representadas.
representatividade, e não concordo com a dualidade das coisas, de só existir dois lados, homem/mulher, bom/ruim, sagrado/profano
Acredito que haja para quem se sente incluído em tal uso da linguagem, porém acredito também que não seja o melhor meio para desconstrução da binariedade compulsiva
A inclusão da multiplicidade. Considero uma ação antifascista.
Acredito que a linguagem faz parte de uma identidade, que uma vez escolhida deve ser respeitada por terceiros
Eu não sei dizer
Para maior inclusão e respeito
Não há necessidade de neutralizar as marcações de gênero na língua e não há essa demanda social
Acredito que seja para que pessoas que são não-binárias se sintam mais confortáveis em meios sociais
Não há.
Importante como um lembrete constante do esforço de reverter todo o quadro de sexismo existente.
Para mim, não há. Mas, para as outras pessoas, com certeza. Usar o que preferem é questão de respeito.
Inclusão
A linguagem neutra relembra que nem toda referência se reduz ao masculino.
Demonstra respeito pelas diversidades
Pq a própria estrutura da língua portuguesa já sustenta e alimenta a posição masculina como superior.
É importante para se entender não existem apenas dois gêneros. Também em outros casos é a negação da generalização que quando empregada é sempre feita no masculino
A importância da inclusão de todos.
Sou não binária
Ao meu ver, a linguagem neutra é importante para não excluir e principalmente respeitar pessoas que não se identificam com a perspectiva binária de "masculino" e "feminino" e com isso construir um ambiente um pouco mais confortável e ajudar as pessoas a entenderem que a heteronormatividade não é a única e nem a forma mais correta de visão.

Extrema importância para o tratamento direto com o não binarismo, respeito diria que é a base fundamental para o uso da linguagem não binária
É político e é importante por dar espaço para aqueles que não se encaixam no nosso mundo binário. Mas tenho dificuldade de visualizar a utilização séria e disseminada de uma linguagem do tipo
Para a inclusão de pessoas que não se identificam com um gênero específico
Não acho que existe linguagem "neutra". Uso o feminino universal. Se a linguagem corrente é o masculino universal, utilizo o feminino como forma de desnormalizar o apagamento da feminina.
Aderir a linguagem neutra é essencial tanto para pessoas que se identificam somente com os pronomes neutros quanto para situações onde vamos tratar um grupo de pessoas, principalmente quando não temos ciência sobre os gêneros inclusos naquele grupo. Evitar que as nossas ações causem disforias e desconfortos em outros é necessário! Também é importante lembrar que se a pessoa já te falou qual é o pronome dela e não é o neutro, trate a pelo pronome desejado, afinal o pronome neutro também não é um coringa pra usar com qualquer pessoa.
é relevante para afirmação da existência de realidades distintas do padrão
Respeito
Respeito
Seria um alívio se gênero fosse socialmente tão importante quanto os sonhos que a pessoa teve e ninguém quer escutar ? → ♀^♂
A linguagem neutra pode ser uma ferramenta de afirmação da não binariedade e de desconstrução de uma linguagem falocêntrica para aqueles que se sentem oprimidos pelo uso majoritário do gênero masculino na língua portuguesa
A discussão sobre gênero chegou a um ponto que precisa sair somente da discussão e ser mostrada no nosso dia-a-dia, propagar que existem pessoas q não se identificam com os gêneros como são, que vão além da transição de gênero.
Não é importante
É importante pois pessoas como eu, que usam esses pronomes podem se sentir incluídas e respeitadas